

O Trabalho dos “Ambulantes” em Pelotas: O invisível que salta aos olhos.

LUÍS HENRIQUE CHRISTOFARI¹; VINICIUS ALBUQUERQUE DE LIMA²; ISAAC
T. PAPINI DE BRITO³; MARIA REGINA CAETANO COSTA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – luluismhenrique@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas 2 – viniciusalbuquerquedalima@gmail.com 2

³Universidade Federal de Pelotas 3 – isaacpapini@gmail.com 3

⁴Universidade Federal de Pelotas – maria.regina@ufpel.edu.br 4

1. INTRODUÇÃO

No desenvolvimento capitalista brasileiro, em especial nas últimas décadas, é cada vez mais recorrente encontrarmos reflexões que envolvem a precarização do trabalho, nos debates e na literatura acadêmica. O presente estudo assume a precarização como aquele recontrato ou aquela nova proposta que envolve, nítida ou disfarçada, degradação das condições de trabalho.

A necessidade de alcançar novas escalas de competitividade pressiona os empreendedores na busca da redução dos custos de produção e, em consequência direta, no aumento da exploração da mão de obra dos seus trabalhadores. Os caminhos para a conquista destes objetivos podem ser materializados de diversas formas, sejam elas por aumentos das exigências de produtividade ou através das retiradas de direitos, via reformas trabalhistas, como a recentemente aprovada pelo Congresso brasileiro. As propostas de mudanças na legislação dos sucessivos governos, sejam eles social-democratas ou orientados por uma agenda neoliberal têm devastando a classe trabalhadora, fazendo surgir uma nova forma de ser do trabalho (Antunes, 2003).

A consequência imediata das adaptações do sistema capitalista, em tempos de crises, pode ser observada no aumento de trabalhadores alijados da oportunidade de trabalho formal. Em um segundo momento, aumenta o número de atividades informais na busca de meios de sobrevivência. Parte destes trabalhadores, desprovidos de oportunidades alternativas pela própria falta de especialização, se lançam na aventura de alguma atividade comercial nos principais centros urbanos.

No trabalho de (MEURER, SPIRONELLO. 2020), focado no estudo da paisagem urbana de Pelotas, pode-se identificar a marginalização dos ambulantes perante a sociedade e as condições precárias de trabalho oferecidas pela cidade. Essa precarização, por si só, mostra como o emprego na cidade de está subdesenvolvido e cristalizado no tempo, após os anos de 2008 e 2009 (momento marcado pelo êxodo industrial). Outro estudo, (VIEIRA, 2019) sobre a demarcação de cristalização do comércio em Pelotas, foi realizado no ano de 2019, para o patrimônio industrial e museologia. Nele, observamos um retrato da situação que levou à marginalização de grande parte dos trabalhadores quando declara:

Devido a sucessivas crises econômicas, vivenciadas ao longo do século XX, e com o início da globalização e da revolução técnico-científico-informacional presenciadas nas últimas décadas, diversas fábricas decretaram falência, foram abandonadas e entraram em um processo de degradação. Nos últimos anos, o perfil econômico da cidade se consolidou pelo comércio e prestação de serviços, em detrimento da indústria, e em relação à economia do estado, a produção

industrial vem apresentando decréscimos desde o final da década dos anos 90 do século XX. (GOULARTE, VIEIRA. 2019).

A falta de uma rede de proteção para os trabalhadores foi acentuada com a pandemia da COVID-19¹, iniciada no ano de 2020. A estagnação provocada nas atividades econômicas, em escala global, provocou uma abrupta remodelação da sociedade em diversas escalas, provocando números exorbitantes de demissões de trabalhadores e a queda na distribuição de renda.

Diante desse contexto, o presente trabalho, construído na disciplina de Formação Territorial do Brasil, do curso de Licenciatura em Geografia, da UFPel, tem como objetivo, no recorte de Pelotas-RS, analisar a evolução das diversas modalidades de trabalhos alternativos, identificando grupos sociais ou indivíduos que os desenvolvem. Mais especificamente, interessa o estudo daquela modalidade denominada informal ambulante. Além disso, buscou-se fazer uma descrição do ambiente laboral, do tipo de trabalho realizado e os recursos necessários para efetuar a produção e/ou comercialização por parte destes indivíduos.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento da presente investigação foi dividido em três momentos bem definidos. Em um primeiro estágio buscou-se a realização de uma revisão da bibliografia, utilizando autores que discutissem a temática da evolução do contexto laboral recente.

Para compreender como esses diferentes processos ocorrem em Pelotas, optamos por uma abordagem prática não intervencionista, em que circulamos pelo centro urbano de Pelotas, identificando os trabalhadores informais, nas localidades onde se encontravam e os tipos de produtos comercializados.

Em uma terceira etapa, realizamos uma pesquisa buscando identificar a existência de trabalhadores informais ambulantes no espaço da universidade.

Através dessas observações realizadas durante o estudo e anotações no caderno de campo, referentes a cada vendedor ambulante, produzimos o mapeamento por área de influência, conforme representado na Figura 1.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

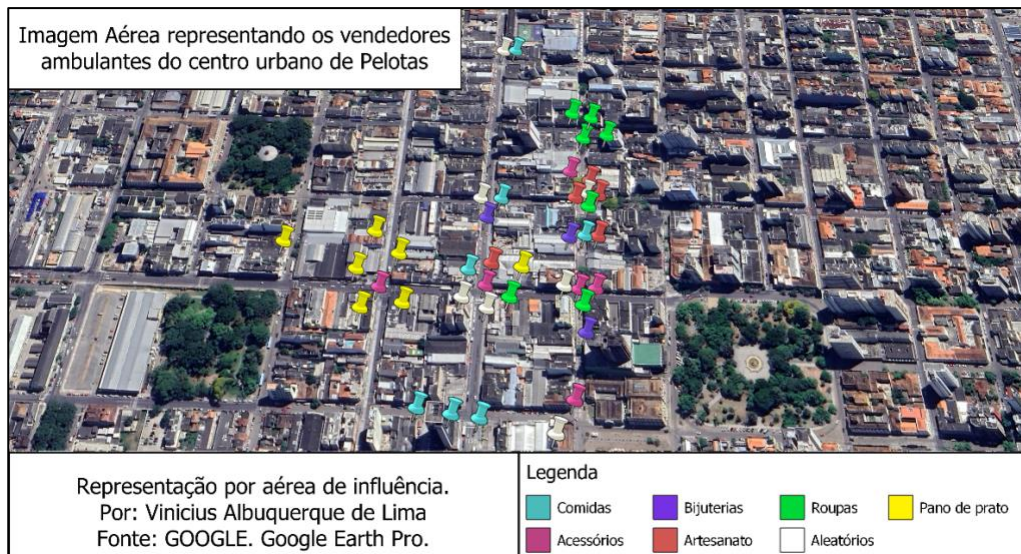
Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, a taxa de desemprego no Brasil alcançou, no primeiro trimestre de 2023, a taxa de 8,8% dos brasileiros, sendo que a taxa de informalidade registrada representava 38,9% dos trabalhadores, até abril de 2023.

Em Pelotas, a situação desta modalidade de trabalho informal pode ser demonstrada pelo esquema proposto na Figura 1, que contém as cores apresentadas na imagem aérea, sendo: branco; vendedores de produtos aleatórios - balões, chaveiros, cigarros e ervas naturais. Vermelho; Artesanatos - que englobou enfeites e acessórios para vestuário. Verde; vestuário e produtos para casa - camisas, calças, redes, toalhas e mantas. Azul escuro; bijuterias e brinquedos. Azul claro; Alimentação - doces, bebidas, frutas e balas. Rosa;

¹ Covid-19: é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.

acessórios - controles, cintos, bonés, óculos, relógios, pilhas e meias. Por fim amarelo; panos de prato.

Figura 1



Fonte: Lima (2022)

Em relação à presença de ambulantes nos espaços da UFPel, observamos a seguinte distribuição: No Campus Capão do Leão, contamos com venda de alimentos tais como: pasteis, rapaduras, doces de Pelotas, alfajor, morangos, cookies, brownies e bolos de pote. As vendas são feitas por 8 (oito) pessoas, no espaço da entrada do Restaurante Universitário do campus Capão. No Restaurante da Rua Santa Cruz são 3 (três) trabalhadores que comercializam “brownies” e brigadeiros. No Campus ICH II encontramos 1 (uma) pessoa que vende café e cachorros quentes. Por fim, no Campus Anglo, podemos identificar 1 (uma) ponto de venda de trufas, em frente ao Restaurante Universitário.

Além de investigar o número de vendedores ambulantes e suas localizações, o estudo pretendeu aprofundar a análise das justificativas das escolhas destes trabalhadores, dos produtos para comercialização ou dos espaços para o desenvolvimento das atividades.

O trabalho informal, apesar de garantir a quem o exerce, alguma rentabilidade, não oferece nenhuma espécie de garantia, seja pecuniária, de estabilidade ou mesmo de localização em algum extrato social. Nem mesmo oferece segurança ao trabalhador e família para casos extremos como doenças e outras emergências. Os trabalhadores informais se responsabilizam por seus próprios regimes de trabalho exercendo elevadas cargas horárias e confrontam, diariamente, perigos e incertezas na sua rotina, descortinando a precarização do sistema trabalhista. Nesse cenário, é que ganha corpo a ideia falaciosa, mistificadora, do “empreendedorismo”. É uma das poucas possibilidades que o mundo do trabalho oferece frente à corrosão dos direitos e garantias sociais. É isso ou o desemprego completo! (Antunes, 2011).

O trabalho informal é reconhecidamente visto pela sociedade como “menos importante”. Habitantes da cidade se dividem na avaliação sobre o efeito causado pela presença dos ambulantes nos espaços urbanos. Até mesmo as mudanças que provocam na paisagem das cidades são usadas como argumentos daqueles que rejeitam a ideia da sua presença. Comerciantes formalizados denunciam os efeitos da concorrência desleal da atividade informal, dada a frequente ausência de

procedências dos produtos ofertados, a ausência de tributação e a isenção de trâmites burocráticos para os pontos de venda.

Em que pesem as “vantagens” relativas do trabalho informal, permanecem nítidas as dificuldades enfrentadas pelos referidos trabalhadores, seja no enfrentamento de dificuldades relativas à exposição diária às condições climáticas, insegurança dos espaços urbanos, falta de garantia de realização de vendas e a própria incerteza causada pelas abordagens do aparato fiscal dos municípios, estado ou mesmo federal.

4. CONCLUSÕES

Apuramos, nos levantamentos de campo, que os vendedores ambulantes, percorrem a cidade identificando pontos favoráveis para o comércio de produtos à procura de clientes com poder de compra. Para tanto, realizam observações diárias, buscando identificar, nestes clientes, suas necessidades. A partir destas observações, avaliam seus orçamentos, para tomada de decisão sobre as compras de insumos ou produtos para revender.

Através da observação realizada, cabe a cada trabalhador a escolha da área para o desenvolvimento das suas atividades, assim como do tipo de produto a oferecer. Neste processo, enfrentam, não raras vezes, conflitos na disputa por espaços pelos pontos de venda. Parte dos trabalhadores envolve outros membros da família nas atividades produtivas e na tarefa de transporte e exposição das mercadorias. Outra parte se limita à compra de produtos de distribuidores e à revenda dos produtos em pontos estratégicos da cidade.

Nas informações coletadas, não realizou-se uma abordagem direta com os trabalhadores, sendo assim, precisaremos ampliar a nossa pesquisa e ampliar o estudo e inserir outras informações, dentre elas: idade, sexo, se desenvolvem outro tipo de atividade remunerada, qual o motivo que levou estes trabalhadores às ruas, se já tiveram carteira assinada, tem algum registro que o proteja, caso adoeça, dentre outros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- O que é a Covid-19?. GOV.BR. Acessado em Pelotas, 28 jun. 2023. Online. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>
- Desemprego. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acessado em Pelotas, 30 jun. 2023. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>
- GOULARTE**, Daniela Vieira; **VIEIRA**, Sidney Gonçalves. Reflexões acerca da relação entre o patrimônio industrial e a museologia. In: **BACHETINI**, Andréa Lacerda; **BOJANOVSKI**, Silvana de Fátima (org.). Anais da Semana dos Museus da UFPel: 2020. Pelotas: UFPel, 2019.
- HAN**, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p.
- CORRÊA**, Roberto Lobato. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. *Revista Cidades*, v. 9, n. 16, 2012.
- ANTUNES**, Ricardo; **PRAUN**, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. *Serviço Social & Sociedade*, p. 407-427, 2015.
- ANTUNES**, Ricardo. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho?. *Serviço Social & Sociedade*, p. 405-419, 2011.
- SANTOS**, Milton. Pobreza urbana. In: *Pobreza urbana*. 2009. p. 134-134.